

PODER E CULPA EM NIETZSCHE E FOUCAULT

Power and guilt in Nietzsche and Foucault

Rodrigo Silva Gomes¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é evidenciar a relação entre o pensamento filosófico de Nietzsche, capacitado com a ideia de contraposição entre razão e instinto, e o pensamento de Foucault, expressando sua teoria sobre as relações de poder conceituadas em suas análises. Ainda será estabelecida a contraposição entre Apolo e Dioniso e os conceitos fundadores da modernidade capazes de sobrepor o primeiro pelo segundo, analisando as relações de poder e o controle da sexualidade, além da estrutura moral de escravos e suas racionalidades configuradas para uma construção da culpa e do controle sobre os indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Poder; culpa; razão; instinto; moral.

ABSTRACT: The objective of this work is to show the relationship between the philosophical thought of Nietzsche, trained with the idea of opposition between reason and instinct, and the thought of Foucault, expressing his theory about power relations reputable in their analyzes. Still be established the opposition between Apollo and Dionysus and the founding concepts of modernity able to override the first by the second, analyzing the relations of power and the control of sexuality, beyond the moral fabric of slaves and their rationales set for construction of guilt and control over individuals.

KEY-WORDS: Power; guilt; reason; instinct; moral.

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é discutir a estreita relação entre as concepções dos conceitos morais da modernidade e suas relações com as concepções de poder permeadas pela razão e pelo discurso fundador das ciências modernas e de seus aparatos tecnológicos, capacitando uma construção racional da culpa, tanto no pensamento de Nietzsche quanto no de Foucault. Para isto, tal artigo será baseado em algumas obras fundamentais destes autores para o entendimento destes conceitos. Em Nietzsche, a principal referência será *Genealogia da moral*, capaz de conceder parâmetros próprios para elucidar as concepções fundadoras, estruturantes e históricas dos conceitos morais, desde as tradições religiosas, quanto das instituições científicas modernas, além de *O nascimento da tragédia*, em que serão analisadas as concepções e contraposições nietzschianas entre Apolo e Dioniso - razão e instinto. Das obras de Foucault, será dada a devida atenção sobre *Microfísica do*

¹ Pós-graduado com Especialização em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo (2014). E-mail: rodrigoarrobasciais@gmail.com

poder e História da sexualidade – A vontade de saber, nas quais o autor estabelece uma importante concepção da estrutura em que se baseiam as análises sobre ciência e religião, além de uma profunda reflexão sobre a linguagem e os discursos utilizados para explicar o poder, além de uma possível incitação a culpa como forma de controle individual e social.

Cabe uma aproximação e uma análise de o quanto uma teoria se apropria da outra e o quanto ambas se complementam, com as devidas conceituações particulares de cada autor, considerando suas estruturas e suas percepções acerca do que se propõem diante de suas especificidades. Em Nietzsche tem-se a aspiração por uma superação dos conceitos ditos banais que impedem a potência do homem e o configura como “uma corda, atada entre o animal e o *além-do-homem*: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigoso olhar-para-trás, perigoso arrepiar-se e parar.” (NIETZSCHE, 1999, 211). Pautado por uma linguagem extremamente provocativa, o autor de Zaratustra instiga a possibilidades de superação e extrapolação dos conceitos morais e racionais estabelecidos pela modernidade. A possível negação da vida exposta por Nietzsche pode denunciar a as premissas das formas de exposição da sexualidade, que de maneira geral foge ao que é estabelecido socialmente como civilizado², na premissa de que tal sentimento de culpa diante de seus desejos sexuais são incursões morais³ advindas do cristianismo e de suas relações de rejeição ao corpo. Através das teorias expostas por Foucault, podem-se compreender as estruturas de poder que condicionam e aprisionam os indivíduos e, por conseguinte a sociedade, nas jaulas desta mesma modernidade e destes aparatos técnicos e científicos que conduzem e controlam as maneiras e os impulsos do corpo, regulando e conceituando por meio de um caráter racional as possibilidades vivenciadas, além de privilegiar o discurso e conceder-lhe um patamar classificatório baseado na moral vigente. Ou ainda, construir este mesmo discurso, normativo, didático, explicativo e regulatório de como sentir e expressar diante de experiências sexuais, no caso específico deste artigo.

A GENEALOGIA DO PODER

² Segundo Norbert Elias, as transformações comportamentais instauradas pela modernidade nos compelem de tal maneira que, no decorrer de um estudo sobre tais manifestações das “incivilizações”, chegamos mesmo a sentir um “desconforto e um embaraço”, visto o juízo de valor que atribuímos ao termo civilizado. “Tal, então, é a natureza do “mal estar” que nos causa a “incivilização” ou, em termos mais precisos e menos valorativos, o mal estar ante uma diferente estrutura de emoções, o diferente padrão de repugnância ainda hoje encontrada em numerosas sociedades que chamamos de “não-civilizadas”, o padrão de repugnância que precedeu o nosso e é sua precondição.” (ELIAS, 2011, p.72).

³ Tais incursões morais também foram construídas e estabelecidas como padrões civilizatórios diante dos costumes e da rejeição a tudo o que foge das regras pré-estabelecidas.

Ao analisar a filosofia de Nietzsche sobre o poder, deve-se estabelecer um parâmetro no qual se fundamentam suas construções acerca de tal conceito. Aqui, têm-se o poder concentrado como forma que rege a vida em um dever constante possibilitado pelo que ele classifica como *vontade de potência*. Em Nietzsche, a vontade de potência no homem é punida por relações sociais impostas, marcadas e constituídas principalmente pela modernidade e pela racionalização da vida, forçando o indivíduo comum a suprimir seus desejos, prazeres e ímpetos relacionados à sua própria essência diante da moral imposta pelos fracos. (referência). Em a *Genealogia da Moral* traça o perfil da figura do psicólogo como agente que impulsiona a interiorização dos desejos humanos, chamando de “vergonha” todo e qualquer desejo que foge do conceito moral de “bom” construído pelos fracos para dominarem os fortes. Nas palavras do autor:

Essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito de ‘bom’ no lugar de errado: o juízo ‘bom’ não provém daqueles quais se fez o ‘bem’! Foram os ‘bons’ mesmos. Isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, em primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. (...) Desse pathos da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores. (NIETZSCHE, 2009a, p. 19).

Considerando a crítica sobre a modernidade e seus “ideais modernos” como principais aspectos de reflexão, Nietzsche também tece uma discussão acerca de um conceito de *decadência* como resultado das novas relações estabelecidas pelas transformações causadas pela modernidade e, conseqüentemente, suas construções de conceitos e discursos através de uma linguagem racional, ou seja, analisando as relações sociais desencadeadas por um processo de adestramento, inerente às vontades dos homens e que são colocadas como verdades absolutas e incontestáveis. (referência). O cerne de seu pensamento e de sua crítica se concentra nas relações e nas composições sociais, especificamente de construções de valores morais que, segundo ele, negam a vida ao invés de promovê-la e exaltá-la. Tais composições sociais promovem nos indivíduos o que Nietzsche classifica em seus argumentos como *homens de rebanho*⁴, em que toda a

⁴ Ao construir sua genealogia da moral e dos desdobramentos que as instituições religiosas e científicas possibilitaram diante dos contextos sociais e individuais, Nietzsche estabelece que o homem de rebanho valida e reproduz as relações de subserviência diante das imposições dos fracos para controlarem os fortes, as

construção moral com um caráter de imposição e submissão estabelecidas para inibir as possibilidades que pulsam diante deles seja comensurada em limitações e implicações que transformam todas as experiências em experiências metafísicas. Ao construir uma narrativa que provoca a todo instante seu interlocutor, Nietzsche expõe a forma com a qual a linguagem e o poder contido no discurso moral, tanto religioso quanto científico, aprisionam o indivíduo. Segundo ele, esta realização moral de constituição de uma sociedade dos fracos dominando os fortes é o que torna o modo de vida moderno ocidental *decadente*⁵. Tal sujeição expressa diante de uma valoração do que é fraco, baixo e inferior faz dos conceitos morais cristãos a forma mais nefasta e absurda que já existiu com o propósito de domínio e negação das vontades e dos instintos. O que deve exceder de tais imposições idealizadas para a submissão dos fortes pelos fracos é o que Nietzsche chamará de *transvaloração de todos os valores*.

Tendo assim a possibilidade de reconhecer no indivíduo a capacidade e a potência em se caracterizar tanto pela razão como pelo instinto, Nietzsche enaltece as alternativas intrínsecas aos conceitos estabelecidos por outra via, que não somente a da razão. A crítica genealógica interpelada por ele constrói-se por meio de se estabelecer um contraponto aos paradigmas criados e exaltados pela modernidade, em que a razão estaria posta de maneira privilegiada, suplantando toda e qualquer forma de conhecimento que não seja adquirido por ela mesma, colocando-se assim, acima de outras formas de conhecimento de maneira estática, conceitual e dogmática. Aqui, trata-se da figura dionisíaca exposta no pensamento nietzschiano e suas relações diretas com a crítica a opressão sexual tratada na filosofia de Foucault, além da conceituação da figura de Apolo e a racionalização dos comportamentos do homem moderno. O instinto, contemplado através da figura de Dioniso, que é exalado naturalmente pelos homens, passa a ser sufocado e reprimido pela razão apolínea imposta pela modernidade e pela moral dos fracos. (referência). Um dos pressupostos para que tal repressão seja comensurada de forma impositiva, passa pela tentativa de disciplinar os instintos através dos conceitos criados antes pela religião e agora

aves de rapina, que promovem as forças necessárias para romper a moral e constituírem-se como *além-do-homem*.

⁵ A incursão moral embutida nas relações modernas refere-se à consolidação da falência das virtudes espontâneas do homem moderno. Falência esta pela qual a sociedade europeia dissemina seu *modus operandi* de desenvolvimento, cativando dogmas que ultrapassaram os tempos, quebrando as barreiras entre as formações culturais diversas no mundo capitalista. Privilegiando aspectos *nobres*, que levam a uma elevação dos homens, Nietzsche entende que as exaltações feitas às transformações sociais modernas burguesas, juntamente com os preceitos e imposições cristãs, são a estagnação das potências e virtudes alcançadas, segundo ele, somente através dos conceitos estabelecidos por uma sociedade aristocrática.

pela ciência. Tal ciência, representada pela linguagem, ou pela representação da linguagem, se torna responsável pelo enforcamento do que é natural aos indivíduos, construindo teorias capazes de evidenciar os esclarecimentos sob o aspecto de realidade. O discurso precede o curso, tornando-se construtor de verdades pelas quais, tanto instintos quanto intuições devem percorrer moldados pelas cercas ditatoriais da razão. Diz Nietzsche sobre a linguagem da ciência:

Os cientistas não fazem outra coisa quando dizem que “a força movimenta, a força origina”, e assim por diante – toda a nossa ciência se encontra sob a sedução da linguagem, não obstante seu sangue-frio, sua indiferença aos afetos, e ainda se livrou dos falsos filhos que lhe empurraram, os “sujeitos” (o átomo, por exemplo, é uma dessas falsas crias, e também a “coisa em si” kantiana): não é de espantar que os afetos entranhados que ardem ocultos, ódio e vingança, tirem proveito dessa crença, e no fundo não sustentem com fervor maior outra crença senão a de que o forte é *livre* para ser fraco, e a ave de rapina livre pra ser ovelha – assim adquirem o direito de *imputar* à ave de rapina o fato de ser o que é. (NIETZSCHE, 2009a, p.33)

Para Nietzsche, os instintos precedem a razão, fazendo com que esta seja gerida a partir destas noções naturais intrínsecas aos homens por meio das imagens e das metáforas. Todo discurso dito “científico” parte antes, segundo ele, da imaginação. O problema, segundo Nietzsche, estaria justamente aí. Visto que as imagens precedem os conceitos, o discurso científico caracterizado como perfeito transmissor da linguagem não deve se sobressair, ou se sobrepor a imaginação criada a partir das percepções, mas o contrário. Cabe aqui uma maior teorização sobre as relações entre imagens, metáforas e conceitos no pensamento nietzschiano. As imagens são dionisíacas, fazendo parte de uma essência e de uma provocação intuitiva que se faz presente nos homens, muitas vezes representada por seus instintos, seus desejos e suas vontades. Já os conceitos apresentados pelo discurso e pela linguagem científica são parte de uma essência apolínea presente nos indivíduos, conceitos estes abstratos e universais. Enquanto Dioniso tende a criatividade, ao imaginário, ao proveito de todo e qualquer desejo possível, beirando o livre fluxo do pensamento e das possibilidades, Apolo cerce toda esta gama de levezas, de caminhos e cursos, cercando instintos, conceituando intuições e racionalizando a imaginação. Enquanto um enaltece a vontade, o outro priva o impulso. Enquanto um privilegia o acaso, o outro perpetua a rigidez. Enquanto um sacia o desejo, o outro o reprime. Dioniso é a arbitrariedade, o torto, o desproporcional. Apolo o equilíbrio, a equiparação, simetria.

“Tudo o que na parte apolínea da tragédia grega chega à superfície, no diálogo, parece simples, transparente, belo.” (NIETZSCHE, 2007, p. 60).

Tais contrapontos estabelecidos por esta disputa entre Dioniso e Apolo – em que o segundo nega o primeiro – faz com que a parte instintiva e intuitiva do homem seja banida e, conseqüentemente, fustigada. Nietzsche, por conta desse privilégio à razão, vê como instituído o “sepulcro das intuições”, segundo o qual o pensamento lógico, ou seja, científico, manteria em eterno descanso as sensações e os sentimentos pertencentes aos homens fora da racionalidade. Na mesma linha de pensamento, a teoria de Foucault também expõe a condenação, dominação e imposição do saber como forma estratégica de poder e controle sobre indivíduos e populações. Em seu volume um da *História da sexualidade – A vontade de saber*, Foucault concebe seu pensamento partindo das ciências modernas – medicina, biologia, psiquiatria, etc. – que, por conta de investigações e análises, buscam o conhecimento da sexualidade tentando explicar suas relações e formas através do discurso, da conceituação e da linguagem. Tendo em vista que Foucault disserta sobre a possibilidade de que na sociedade moderna capitalista não houve uma repressão ao sexo e à sexualidade em seu sentido real, mas sim uma fundamentação teórica sobre tais manifestações e relações. Sua análise se volta até a Grécia antiga para tentar esclarecer as formas de atividades sexuais expostas para dominação e conceituação moral, criando uma “estética da existência”. Como coloca Foucault:

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. (FOUCAULT, 2014, p. 17)

Foucault não está negando uma repressão ao sexo, tampouco uma proibição em relação à sexualidade desde os gregos até a modernidade, nem tentando mostrar que houve um afrouxamento com o passar dos séculos. O que é primordial aqui é sua tentativa de priorizar o poder e a força do discurso sobre o sexo e a sexualidade, sua vontade de saber e suas conseqüências diante das relações baseadas na técnica e, assim, ditadas pelo conhecimento e adequação ao que se trata sobre ambos. Ainda sobre o poder, Foucault analisa as relações pertinentes ao discurso científico proferido estritamente sobre a sexualidade e sua regulação através da *interdição*. Para ele, “por mais que o discurso seja

aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.” (FOUCAULT, 2009, p. 10).

A GENEALOGIA DA CULPA

Constituída na Idade Média na forma de pecado, a repressão ao sexo é tratada no pensamento foucaultiano como um exercício constante de punições. O que outrora era tido como infração às leis de Deus, ganha no pensamento moderno a investigação e a adequação através da ciência. Enquanto a igreja controla os instintos e impulsos através das confissões e reprime – por meio das penitências – cada ato que foge ao que se é estabelecido moralmente, o pensamento moderno traz na figura do médico, do psiquiatra e do psicólogo o mesmo conceito confessional, marcado pelas relações de poder caracterizadas na Idade das trevas. A mesma lógica, na visão de Foucault, é aplicada nas relações sociais. Qualquer forma de poder – seja no âmbito escolar, hospitalar, prisional ou nas relações familiares – é regida pelo controle e pela inibição sexual através do discurso. Segundo Foucault:

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer *não* a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo, travesti-lo. (FOUCAULT, 2014, p. 50)

O discurso opressor do sexo é ainda mais latente quando o desejo é materializado por uma iniciativa que foge ao padrão do casamento e das relações heterossexuais. Através da ciência, o homem busca explicar questões que fogem a essa norma moral, chamando de “aberração” todo modelo que refute a normatização imposta e que, de alguma maneira, traga algum desconforto ou desarranjo ao equilíbrio científico. O resultado de todas essas limitações e conceituações, na visão da filosofia de Foucault, é um maior controle da sociedade e uma garantia do poder vigente. Entre os motivos para esse padrão, o filósofo francês cita o controle de natalidade e as garantias à figura da família tradicional como modelo correto do contrato social humano. Seguindo a mesma linha genealógica traçada por Nietzsche, Foucault defende que existem, historicamente, dois procedimentos para produção da verdade sobre o sexo. Por um lado, o Oriente – através de culturas chinesas, japonesas, indianas e romanas – trata o sexo como uma *ars erotica*, em que a verdade sobre ele é extraída do próprio prazer e é concebida como uma prática resultante da

experiência e da vontade. Dessa forma, a verdade sobre o sexo é extraída do próprio sexo. Em Nietzsche poderíamos pautar tal produção da verdade sobre o sexo como sendo uma produção dionisiaca. A outra verdade sobre o sexo, essa caracterizada na sociedade ocidental, é a ditada pela *scientia sexualis*. Esse conceito, apoiado no uso da ciência como mentora do sexo, nasceu na relação com a igreja católica e trouxe ao homem ocidental respostas sobre como se ordena o sexo, o que é essencial a ele e, principalmente, dissemina o conceito de confissão sobre os atos que fogem ao padrão moral estabelecido. Em uma concepção nietzschiana, uma construção apolínea das concepções e verdades sobre o sexo.

Diz Foucault:

Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erotica*. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão. (FOUCAULT, 2014, p. 64).

Neste contexto, Foucault explicita que “o homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente” (FOUCAULT, 2014, p. 66), o qual passou, de forma espontânea ou forçada, a manter uma lógica própria de contenção dos desejos e devaneios errantes de pensamentos e de atos considerados imorais e impróprios. As relações de poder estabelecidas e estruturadas no pensamento foucaultiano constituem o parâmetro para discutirmos o que excede e transborda na teoria nietzschiana sobre os discursos e os conceitos concedidos pela modernidade e toda a sua capacidade construtiva de teorias universais capazes de restringir, coibir e anular vontades inerentes ao homem. Nietzsche, conforme já tratamos aqui, concede sua teoria relacionando a dualidade que existe entre razão e instinto através da mitologia grega, trazendo à tona Apolo - deus da luz, do sol, da verdade, representando a clareza, a medida, a linearidade, a equidade, o equilíbrio - e Dioniso, deus do vinho, errante, excêntrico, representando o excesso, o erotismo, a orgia, a excitação, o descontrole, a assimetria.

O filósofo alemão descreve os deuses gregos citados acima tecendo uma analogia entre um discurso racional/moral, intrinsecamente construído para enaltecer certa verdade suprema e absoluta, e o que se concede de forma instintiva e emocional nos homens. Apolo é representado pela racionalidade, enquanto Dioniso pelo instinto. Partindo de uma crítica ao apogeu moderno de conceitos filosóficos e científicos que, segundo ele, se distanciam e negam as aspirações ligadas à genealogia do sujeito, Nietzsche

estabelece um arcabouço metodológico no qual desconstrói uma série de valores morais extremamente caros aos inventores da modernidade. Nas teorias filosóficas modernas o conceito precede e subjuga o sujeito, cria e estabelece parâmetros morais, constrói verdades absolutas e impulsiona a racionalização das emoções, dos instintos e das intuições. Tais relações se consolidam arbitrariamente e são concebidas de maneira comensuráveis e passíveis de científicas cartesianas, havendo aí uma teoria do sujeito pensante. Apolo é sobreposto a Dioniso, reprimindo sua inquietude e sua destemida busca do prazer pelo prazer, pelo erro, pela inebriada elevação das vontades e das potências. Tal é o problema da modernidade para Nietzsche, a supremacia da razão, da racionalidade, dos conceitos e do discurso científico e filosófico sobre outras possibilidades e alternativas ao entendimento da realidade e das relações concebidas por esta através das emoções e das subjetividades expostas nos homens. Nietzsche trata da culpa atribuindo uma condição de *interiorização do homem*, possibilitando sua própria dilaceração, em que limita a si próprio, castigando-se e servindo-se como inventor da própria noção de *má consciência*. Talvez neste ponto pudéssemos expor uma condição de angústia do homem ou, nas palavras de Nietzsche, um sofrimento do homem com o *homem consigo*, em que a causa de tal sentimento seria o aprisionamento dos instintos animais inerentes a ele por suas concepções racionais que lhes causa temor, apreensão e que lhes castiga incessantemente. Diz ele que

Esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da “má consciência”. Com ela, porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem consigo: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal, como que um salto e uma queda em novas situações e condições de existência (...). (NIETZSCHE, 2009a, p. 68).

Sendo observado o quão caro é a relação entre culpa e dominação na teoria de Foucault e o quanto disto se reflete na vontade de saber sobre a sexualidade, em Nietzsche, o homem é o próprio inventor da culpa, da má consciência. Tendo criado a culpa, a solução encontrada agora pelo homem é a construção do castigo. Castigar-se se torna um padrão estabelecido tanto pelo poder exercido pela religião quanto pelo poder concentrado nas próprias relações sociais cotidianas. Nas relações religiosas cria-se o hábito da confissão aos superiores eclesiásticos – padres, bispos, sacerdotes, etc. – nas relações sociais fora do círculo religioso, este hábito se mantém agora com as confissões voltadas aos médicos,

psicólogos e afins. O cristianismo, segundo Nietzsche, carrega o propósito de “aniquilar as paixões e os apetites apenas para evitar sua estupidez” (NIETZSCHE, 2010, p. 42). Diz ele:

A Igreja combate as paixões com a excisão em todos os sentidos: seu procedimento, sua “cura”, é o *castratismo*. Ela nunca pergunta: “Como se espiritualiza, se embeleza, se diviniza um apetite?” – Em todas as épocas, ela colocou o acento da disciplina na extirpação (da sensualidade, do orgulho, da ambição pelo poder, da cobiça, da sede de vingança). – Porém, arrancar as paixões pela raiz significa arrancar a vida pela raiz: o procedimento da Igreja é *hostil à vida*. (NIETZSCHE, 2010, p. 43).

Segundo Foucault, a confissão gera uma relação de poder em que o ouvinte sempre está numa posição de superioridade em relação ao confessor. Tal relação de poder é observada em qualquer das circunstâncias, seja na relação religiosa, seja na relação moderna científica sempre pautada pela hierarquia do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Foucault as relações de poder conduzem os comportamentos e condicionam um aprisionamento e uma caracterização de conceitos capazes de dizerem sobre o sexo e suas experiências, enquadrando a sexualidade nos parâmetros técnicos e científicos que, segundo sua teoria, acaba por se manifestarem em todas as outras esferas sociais – outrora ditados pela Igreja e agora pelos cientistas modernos. Em Nietzsche há de se observar uma narrativa no mesmo patamar, na qual o filósofo alemão disserta sobre a imposição moral que nega a vida e estabelece limitações de vontades, por conseguinte, de desejos e possibilidades. Talvez esteja aí o ponto de ligação entre as relações vigentes de poder expostas por Foucault, e as relações morais impostas pelos fracos para controlar e sufocar as vontades dos fortes, descritas por Nietzsche. A vontade de potência, fonte de afirmação da vida, surge em termos nietzschianos como conceito que fundamenta todas e quaisquer formas de relações e transformações, sejam elas intrínsecas ao indivíduo ou não. Segundo Nietzsche, tudo na vida busca exceder limites, expandir-se e superar parâmetros preestabelecidos. Em sua própria noção de corpo, a concepção nietzschiana encontra potência e exacerbação da vida enquanto os valores morais servem para conter os excessos e as vontades.

Da mesma forma em que, na teoria do filósofo alemão, podemos elencar as consequências das quais a modernidade e seus conceitos racionais, através do discurso e

da imposição apolínea, se apropriaram e aprisionaram os instintos dionisíacos presentes no homem, na teoria de Foucault as relações de poder se configuram por meio da substituição do poder religioso sobre a sexualidade pelo poder de um discurso científico sobre o sexo, além de uma conceituação e ordenação para classificar e estabelecer normas e parâmetros capazes de dizer sobre o sexo, passando as sensações presenciadas com a prática para um plano secundário. É preciso, antes de tudo, explicar através do discurso o sexo e a sexualidade, cerceando o “erro” e o acaso, e tentando se criar um equilíbrio e uma harmonia capazes de estruturar, modelar e homogeneizar a vida. Em ambos, tanto em Nietzsche quanto em Foucault, na modernidade existe a transposição de um discurso religioso por um discurso científico, e a relação de aprisionamento da qual o homem se constitui, regendo todas as outras relações que permeiam o seio do indivíduo e da sociedade moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo, Graal, 2008.

_____ *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 2009.

_____ *História de sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo, Paz e Terra, 2014.

KOSSOVITCH, Leon. *Signos e poderes em Nietzsche*. São Paulo, Azougue, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

_____ *O nascimento da tragédia*. São Paulo, Companhia da Letras, 2007.

_____ *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.

_____ *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009a.

_____ *O anticristo*. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2009b.

_____ *Crepúsculo dos ídolos*. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2010.